



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

Os Nossos Sócios Honorários. V. D. MARIA ALEXANDRINA VIEIRA MARQUES.

FERREIRA, D.

Ano: 1885 | Número: 2

Como citar este documento:

FERREIRA, D., Os Nossos sócios honorários. V. D. Maria Alexandrina Vieira Marques. *Revista de Guimarães*, 2 (2) Abr.-Jun. 1885, p. 109-113.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

OS NOSSOS SOCIOS HONORARIOS

V

D. Maria Alexandrina Vieira Marques

Hoje — que nada ha indifferente para as vistas prescruadoras da historia ; hoje — que os pequenos factos da vida social se enfileiram lado a lado dos grandes para a explicar e perpetuar ; hoje — que os nomes humildes dos que trabalham se vêem reunidos sob o tecto protector e beneficente da escola em fraternal convivio com os dos representantes dos mais illustres trabalhadores do passado ; hoje — comprehende-se na verdadeira significação, na sua elevada e civilisadora missão a parte d'esta *Revista* a que agora ligamos o nosso nome obscuro.

A gratidão popular para com os seus bemfeitores mais devotados, embora gravada fundo nas paginas inolvidaveis da sua memoria reconhecida, nem por isso deixa d'exigir mais vasto campo d'expansão do que o que os seus ingenuos e candidos corações podem fornecer-lhes ; precisa de mais larga publicidade.

Por isso nós — interprete fidelissimo, mas incompetente, do seu intimo sentir — vimos render a homenagem bem merecida e justamente alcançada por serviços reaes incontestaveis e valiosos á causa santa do povo, prendendo mais uma tela, apoucada no desenho e mesquinha nas côres, confessamol-o sem falsas vergonhas, na, ainda que restricta, sympan-

thica e brilhante galeria dos nossos socios honorarios, dos desinteressados e venerandos propugnadores da instrucção popular.

Traçar em breves linhas o esboço biographico da exc.^{ma} snr.^a D. Maria Alexandrina Vieira Marques, eis, em verdade, o fim que nos propomos, tal o dever de cujo cumprimento nos desempenharemos dentro dos apertados terminos das mingua-das forças da nossa intelligencia.

*

Isto que escrevemos, dizemol-o aqui bem alto para que todos nos possam ouvir, não é favor, é justiça.

Quando os poderes do estado occupam as suas attentões mais desveladas, gastam os seus esforços mais estremados, e perdem as suas energias mais proveitosas em luctas as mais das vezes estereis para os interesses mais immediatos do paiz; quando quasi sempre põe o maximo cuidado no galardoar insipiente de meritos pouco legitimos ou falsamente apregoados como uteis; que estranhezas pôde causar que nós — em nome d'uma agremiação cujo lema se traduz na protecção mais decidida à instrucção popular — queiramos levantar do esquecimento e da ingratição nomes justamente benemeritos, manifestamente crédores do reconhecimento nacional?

Quando aquelles parecem descurar ou tratar com menor interesse a educação e instrucção do povo, tornando-lhe assim mais ardua a lucta da existencia; que surpresa poderá produzir que nós, dentro dos poucos recursos das nossas posses, queiramos pagar uma parte diminuta da divida de todos, que nós fomentemos e estimulemos por um meio legitimo, o auxilio particular?

E no emtanto, aquelles como nós e como todos sentem vivissima necessidade da remodelação moral e da reconstituição intellectual do nosso paiz.

E estas sómente podem alcançar-se, como bem affirma um escriptor notabilissimo dos nossos dias, pelo concurso poderoso do saber e da educação. E, de facto assim é. Sem sciencia e sem educação não podem existir liberdade e moralidade; sem moralidade e sem liberdade, de balde se poderá attingir a verdadeira, e legitima felicidade.

« Quem é — perguntava no dia 9 de julho de 1883, no

Porto, o nosso illustre socio honorario o dr. Bernardino Machado — que pôde ser livre sem o saber? não conheça as leis da natureza e queira ser operario, não conheça a lei moral e queira ser homem e cidadão? Ser livre é saber!.....

.....
Só com a liberdade, que é o saber, se caminha em progresso para a egualdade, para a felicidade ¹.»

Sciencia e educação, pois, taes são os meios efficazes, indispensaveis, que na actualidade, com o mais seguro passo, podem conduzir o homem, assim ao cabal cumprimento dos seus deveres de cidadão como ás supremas culminações do poder.

Com a sciencia — as primeiras noções das cousas, aclariam-se nos espiritos, como os mais obscuros pontos d'um horisonte se illuminam quando batido pela luz rutilante do meio dia: com a educação — os costumes suavizam-se como ao contacto intelligente e continuado do lapidario se desgastam as imperfeições d'um diamante não facetado. Tanto mais que vai principiando a comprehender-se e acceitar-se como verdade difficil de contestar, que a dominação do futuro tem de pertencer, não ao mais valente guerreiro, ou ao nascido em berço mais fidalgo, mas sim ao mais sabedor e ao mais virtuoso. É esta a lei fundamental que tem de cumprir-se, é este o facto social que tem fatalmente de realisar-se: negal-o — o mesmo será que desconhecer a tendencia natural para a perfectibilidade, o mesmo será que blasphemar o progresso continuo da civilisação.

Se, pois, como tudo nos leva a crêr, o homem resiste á natureza que o circumda e o contém unicamente pelo esforço gigantesco do seu pensamento, é claro que a escola, como dizia ainda o dr. Bernardino Machado, « *tem de ensinar como se ha de proceder na natureza e como se ha de proceder na sociedade; tem de definir a liberdade que pertence ao homem perante as forças physicas, e a liberdade que lhe pertence perante os direitos dos seus semelhantes.* »

Além de que o desenvolvimento geral do pensamento, de que o ensino primario é o baptismo social, constitue evidentemente a sciencia e pede insantemente a educação. Conferir-

¹ Allocução e discurso proferidos na cidade do Porto, no dia 9 de julho de 1883, pelo dr. Bernardino Machado.

lhe aquelle baptismo — base primordial, indestructivel do bem-estar individual e do bem-estar publico — ao passo que é um dos mais sagrados deveres dos governos e da sociedade, é igualmente uma necessidade inadiavel para a conservação da nossa autonomia.

Diffundir por todos os recantos do paiz a instrucção, tendo em vista gravar bem fundo nos espiritos infantis as noções rudimentares do saber, da virtude e do trabalho, tal é e tal devia ser o primeiro e o mais sério cuidado dos poderes publicos. E no entanto quantas vezes a iniciativa particular suppre a falta de zelo ou o esquecimento indesculpavel d'aquelles; quantas, quantas vezes?

É um d'estes factos de civilisadores e humanitarios proveitos, exemplo a todos os respeitos digno de originar imitadores, aquelle de que passamos a occupar-nos registando-o.

*

O *Diario do Governo*, n.º 101, de 5 de maio de 1877, publicou uma portaria assignada pelo ministro do reino, o fallecido estadista, duque d'Avila e de Bolama, na qual não só se accusa a recepção de um requerimento da nossa exc.^{ma} socia honoraria e de sua familia pedindo a creação de uma cadeira d'instrucção primaria para o sexo masculino no logar das Gays, freguezia de S. Martinho de Sande, mediante o offerecimento ao estado de um edificio e quintal annexo construidos expressamente para tal fim, avaliados na quantia de 1:800\$000 reis, mas tambem se louva o « *seu empenho e patriotismo pelo derramamento da instrucção popular* » e se declara aceitar esta doação com a clausula n'ella imposta, de ser creada dentro de um anno a referida cadeira.

D'aqui, do extracto d'este documento official, infere-se facilmente a parte importantissima que na creação d'esta escola teve a nossa exc.^{ma} socia honoraria, e, portanto, qual a qualidade de serviços prestados á instrucção popular d'este concelho, que lhe conferiu o direito de ser admittida no gremio da SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO.

Sem a sua valiosissima doação, sem a sua preciosa iniciativa talvez que esta importante freguezia rural do concelho de Guimarães ficasse por largo tempo privada da sua *instrucção primaria*, segundo a phrase do dr. Bernardino Machado, talvez

se debatesse ainda nas garras implacaveis da ignorancia mais completa. Hoje, não é sómente a aula de ensino primario para o sexo masculino que fructifica e progride sob as vistas beneficentes d'esta familia, é tambem a do ensino primario para o sexo feminino.

*

A exc.^{ma} snr.^a D. Maria Alexandrina Vieira Marques é natural do Rio de Janeiro, onde nasceu na freguezia da Candelaria. Foram seus paes Joaquim Vieira da Cunha e D. Thereza Joaquina Bordallo Vieira da Cunha. Casou n'aquella cidade com Manoel José Ferreira Marques, natural da freguezia de S. Martinho de Sande, onde nasceu aos 3 de junho de 1816, e com quem volvidos alguns annos, veio para Portugal, assentando residencia definitiva em Lisboa.

Embora nascida em terra estranha, a nossa exc.^{ma} socia honoraria é devéras portugueza e portugueza de boa lei, pelos affectos mais suaves do seu bondoso coração.

É assim que não só — vivo o marido — animou e applaudiu o projecto levantado que elle havia concebido de dotar a terra do seu nascimento com uma escola primaria, segundo as exigencias e os preceitos das modernas invenções da pedagogia e da hygiene e ao qual dera principio, mas tambem — morto elle — o que succedeu em Lisboa a 22 de dezembro de 1873 — continuou solícito n'aquelle empenho até sua final realisação.

Em 2 de maio de 1877 foi, finalmente, posto o remate em obra tão meritoria, com a doação e accettazione do edificio da escola e jardim annexo.

Com os seus actos de louvavel civismo e de subida philanthropia, junto com a suavidade do seu fino trato tem a nossa exc.^{ma} consocia sabido conquistar, não só as synpathias mais estremadas, mas até a gratidão mais pronunciada d'aquelles a quem constantemente ha beneficiado, conseguindo, por esta forma justissima, tornar inteiramente real a phrase do poeta: — *Utili dulci*. O util — concorrendo para que fosse ministrado o pão do espirito a tantas creanças que d'elle careciam; o agradavel — deixando sobre a face da terra um traço brilhantissimo da sua passagem, cuja projecção abrange não só o presente, mas ha de estender-se até o futuro.

D. FERREIRA.